ANTONIO SCURATI



O HOMEM DA PROVIDÊNCIA



ANTONIO SCURATI



O HOMEM DA PROVIDÊNCIA

Tradução de Marcello Lino



Copyright © 2020 by Antonio Scurati Publicado mediante acordo com a The Italian Literary Agency.

TÍTULO ORIGINAL

M: l'uomo della provvidenza

PREPARAÇÃO Ilana Goldfeld

Raphani Margiotta

REVISÃO

Daiane Cardoso Ioão Sette Câmara

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA Iulio Moreira | Equatorium Design

PROJETO GRÁFICO Polystudio

IMAGEM DO VERSO DA CAPA

"O santuário dos mártires", exposição sobre a Revolução Fascista realizada no Palazzo delle Esposizioni, em Roma (29 out. 1931 a 21 abr. 1932). Arquitetos Adalberto Libera (1903-1963) e Antonio Valente (1894-1975). © Instituto Luce / Alinari Archives, Florença.

IMAGEM DA PÁGINA 501

Todos os esforços foram feitos a fim de identificar os detentores dos direitos da fotografia. A editora agradece por qualquer informação que permita a retificação dessa omissão em edições futuras.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S442m

Scurati, Antonio, 1969-

M : o homem da Providência / Antonio Scurati ; tradução Marcello Lino. - 1. ed. -Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

608 p.; 23 cm.

Tradução de: M.: l'uomo della provvidenza

Sequência de: M, o filho do século

ISBN 978-65-5560-559-4

Mussolini, Benito, 1883-1945 - Ficção. 2. Guerra Mundial. 1939-1945 - Itália -

Ficção. 3. Ficção italiana. I. Lino, Marcello. II. Título.

21-74986 CDD: 853

CDU: 82-3(450)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6° andar 22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400 www.intrinseca.com.br

O hálito é fedorento, a dor abdominal, oprimente, o vômito, esverdeado, manchado de sangue. Do sangue dele.

As folhas impregnadas de tinta pairam sobre a poça malcheirosa. Impossível ler o jornal. Seu corpo glorioso, inchado de hipersecreções de ácidos e gases, engole o ar e procura oxigênio ao reclinar a cabeça para trás no braço do sofá. À sua volta, porém, todo o cômodo gira em uma dança de feridas abertas sobre a mucosa ulcerada.

Para ser justo, aquele quarto, a alcova em que o chefe do governo reveza encontros com as numerosas amantes, é um lugar pouco acolhedor mesmo quando não fede a vômito tinto de sangue. As paredes são forradas de veludo vermelho e preto; no canto, ficam um genuflexório cheio de santinhos, recebidos das mulheres do povo, e medalhas, doadas pelos homens da guerra. Há aquela grotesca águia-real embalsamada com as asas abertas, capturada no céu de Udine durante um encontro dos integrantes das esquadras; no chão, o carpete, também vermelho, é o preferido para as necessidades fisiológicas do filhote de leoa, e foi uma homenagem de admiradores fervorosos. Uma sala, um dormitório, um quartinho para os serviçais, nem sequer uma cozinha. E, por toda parte, um fedor obstinado de circo. Bem-vindos à morada do mais jovem presidente do Conselho dos Ministros da Itália e do mundo.

A dor o acomete de novo, insiste, surda, constringente. Talvez, com o último suspiro, ele deva pedir socorro. Mas o Duce do fascismo não pode mendigar o socorro de uma sentinela adormecida no corredor nem o de Cesira Carocci, sua empregada úmbria de meia-

-idade, ignorante como uma cabra, magra como um cravo da crucificação.

De resto, aquela não é a primeira vez. Há semanas, há meses, as crises ressurgem periodicamente no seu esôfago. Anunciam-se com um estranho apetite, uma fome estéril e nauseada, como um casamento frio, como uma gravidez psicológica; depois, começam as flatulências, os arrotos.

Na semana anterior, Ercole Boratto, o motorista de confiança, percebeu o hálito pestilento dele lá do banco da frente. Na primeira curva da Via Veneto, procurou o Líder com o rabo do olho, mas o retrovisor mostrou um espaço vazio. Quando o chofer se virou para o banco de trás, encontrou-o em posição fetal, as mãos apertando a barriga inchada, os célebres olhos reduzidos a fendas, e o estofamento do automóvel sujo de suco gástrico. Foi preciso carregá-lo até a cama, dobrado em dois como um apoplético, com o lenço de um motorista limpando os cantos da sua boca.

Benito Mussolini, o Duce do fascismo, foi reduzido a isso, ao trato digestivo. Nada mais do que isso. Os expurgos e suas consequências. Esse era seu único pensamento. Nosso Senhor Jesus Cristo errou tudo: deveria nos ter feito de outra maneira, esquecendo as tripas. Deveria ter nos criado alimentando-nos de ar, ou então ter se empenhado para que o alimento fosse absorvido sem que mais tarde precisasse ser expelido. Porém, Ele condenou os homens à perene luta para esvaziar o intestino, à via-crúcis da prisão de ventre. E assim, agora, se o Líder das legiões de camisas-negras, o conquistador da Itália e o italiano mais admirado no mundo come no jantar um prato de espaguete com molho de tomate, depois não evacua por três dias. E, quando consegue fazê-lo, se consegue, expele um bolo de fezes enegrecidas, minguadas, ásperas como um caroço de ameixa.

No entanto, ele não fuma, quase não bebe mais, pratica esporte com regularidade, e segue uma dieta rígida. Mas ele sabe o motivo por trás de tudo isso: foram a Grande Guerra e a psicologia das multidões que estragaram sua digestão. Toda aquela carne enlatada engolida nas trincheiras e todas aquelas quentinhas compradas em uma

estação qualquer depois de um comício e devoradas às pressas no banco traseiro enquanto o fiel Boratto o levava ao comício seguinte.

Mas, então, para dizer a verdade, a culpa principal é de Giacomo Matteotti, o adversário irredutível, o "socialista envolto em peles", o filho de proprietários de terras que se sacrificou pelos camponeses miseráveis. Daquele seu cadáver encontrado por uma cadelinha em um matagal da zona rural romana, dobrado em dois, com as pernas viradas para baixo das costas em uma fossa pequena demais, cavada às pressas, com ferramentas inadequadas (uma lima de ferreiro), pisoteada com força e depois sumariamente coberta com a terra que fora recolocada no lugar. Ao corpo de Giacomo Matteotti deve ser imputada a culpa dessa sua patibular prisão de ventre.

E àquele idiota de Giovanni Marinelli, o mesquinho e miserável tesoureiro do Partido Fascista que, precisando calar Matteotti, para economizar uma ninharia, para não gastar algumas notas de mil liras que permitiriam que profissionais comessem bem e levassem para a cama algumas mulherezinhas quaisquer, confiou a tarefa a quatro desmiolados, e causou, com a sua sovinice, o mais horrendo crime político do século. Assim, a mesquinhez de um burocrata modesto transformou um opositor isolado e fanático em um herói moderno e mártir da batalha pela liberdade. E transformou o triunfante Duce do fascismo em um emaranhado dolorido de vísceras retorcidas. E o obrigou — enquanto os memoriais acusatórios se multiplicavam, a imprensa da oposição praguejava, os sinos da esquerda repicavam em defesa da liberdade, e os sinos de toda a nação soavam anunciando a morte de Benito Mussolini — a sacrificar todos os seus colaboradores mais próximos como um príncipe russo que, para salvar a própria pele, atira aos lobos os cocheiros. Fora, todos: Cesare Rossi, Aldo Finzi, De Bono, Marinelli, até Balbo. Salve-se quem puder. Depois, porém, chegou o dia 3 de janeiro. O dia da revanche. O dia em que Benito Mussolini, ereto sobre o torreão de comando da presidência do Conselho dos Ministros, enfrentou sozinho o Parlamento em borrasca e triunfou. O dia em que Benito Mussolini disse "Eu". Somente eu — gritou — carrego a responsabilidade política, moral, histórica pelo que aconteceu. Eu sou a Itália, eu sou o fascismo, eu sou o senso de luta, eu sou o drama grandioso da história. Se há alguém que ousa me enforcar neste galho nodoso, levante-se agora e pegue a haste e a corda.

Ninguém se levantou. Tornou-se uma questão de força, e a democracia se descobriu impotente. Por isso, ela foi subjugada. Claro, alguns lamentos patéticos de resistência ainda eram ouvidos. O rei se recusou a assinar em branco o decreto de dissolução das Câmaras, mas, depois, voltou a confirmar sua confiança real. Filippo Turati, o santo homem da oposição socialista, deu de ombros e tranquilizou seus seguidores — "Fiquem tranquilos, é o Mussolini de sempre que grita para assustar os pássaros" —, mas, depois, limitou-se à indignação moral como se a moral fosse uma categoria política. Giovanni Giolitti, o grande estadista, ainda encontrou em meados de janeiro forças para discordar em público da proposta de reforma eleitoral, mas, depois — com ou sem Matteotti —, a lei foi aprovada por 307 votos a favor e apenas 33 contra. E, sobretudo, em meados de janeiro, a Câmara aprovou em um só dia 2.376 decretos-leis que o Duce do fascismo queria promulgar.

Além disso, em 48 horas, seu ministro do Interior fechou 95 círculos políticos, 150 estabelecimentos públicos suspeitos, dissolveu centenas de grupos e organizações de oposição, controlou 611 redes telefônicas e 4.433 lugares públicos, realizou 655 buscas domiciliares, e prendeu 111 "subversivos". Sob aquelas generosas pás de decretos e de prisões, foram sepultados os últimos opositores. E a uma profundidade que nenhuma cadelinha curiosa poderia escavar. Naqueles dias, todo o país pôde constatar que Turati, Giolitti e seus adeptos não eram pilares da liberdade, mas meras cariátides decorativas. Todos constataram que os considerados paladinos do antifascismo eram apenas moribundos que sonham com núpcias.

Todavia, neste exato momento, mais de um mês depois daquela cartada vencedora, neste sofá sujo, sobre este carpete em que um filhote de leoa defecou, as fisgadas abdominais ainda atazanam suas vísceras. Aliás, a dor se espalha. Originando-se na linha abdominal

média, agora se irradia para o ombro direito e, dali, propaga-se por toda a região dorsal e lombar.

Ele tenta se levantar e sentar. Não consegue. Com dificuldade, engole a bile e se entrega ao desmaio.

É tudo culpa da incerteza. Do momento de dúvidas, das demoras, das hesitações, uma hora que dura anos e não passa. É todo um rosário de evasivas. Apesar do triunfo do Líder, os integrantes do seu governo continuam a se sobressaltar a cada farfalhar de folhas. Os apoiadores traicoeiros fingem uma adesão incondicional, mas depois sonham em ressuscitar as coisas mortas do passado, o sufrágio universal, a representação proporcional, os acordos por baixo dos panos do sistema parlamentar. Os velhos e inconsoláveis moderados se unem ao ato de forca da ditadura, mas, depois, sentem saudade das cômodas receitas dos privilégios oligárquicos. É a condenação ao compromisso diário, ao pinga-pinga contínuo, ao congestionamento parlamentar, à política reduzida à administração ordinária, ao menor resultado com o máximo esforco. É o castigo da democracia, e ele paga por isso nesta salada de vômito e sangue. Qual foi o sentido de ter feito a revolução para ver a vida lhe ser roubada dia após dia?

Mas ainda tem coisa pior. O espinho que mais incomoda é que, concluída a revolução, restam os revolucionários. Com o poder conquistado pela força, restam os violentos. Resta a área dos combatentes, a arena dos loucos, a escória dos dias, os facínoras, os deslocados, os delinquentes, os esquizofrênicos, os irregulares, os notívagos, os ex-presidiários, os sindicalistas incendiários, os jornalistas desesperados, os veteranos hábeis no manejo de armas de fogo ou brancas, os fanáticos incapazes de ver com clareza as próprias ideias, os sobreviventes que, acreditando serem heróis consagrados à morte, confundem uma sífilis mal curada com um sinal do destino. Broncos, medíocres, obtusos, muitas vezes ignorantes, idiotas que devem tudo à beleza da marcha sobre Roma e, pelo resto de suas vidas, não fazem outra coisa a não ser relembrá-la com saudade. Restam os eternos integrantes das esquadras, aqueles que não se desarmam, os militantes

mais antigos, sempre com o relógio em mãos, reclamando que aquele momento inicial passou para sempre.

Ele não tem nada contra a violência: o clima da época é o que é, a violência permanece necessária. Mas a nomeação de Roberto Farinacci como secretário do Partido Nacional Fascista (PNF) dá nós em seu intestino. Farinacci, que se arvora em líder dos "intransigentes", que se eleva a baluarte lombardo contra todo antifascismo, que se exalta como guardião da pureza revolucionária, é, na verdade, o homem do povo recém-desembrutecido que só entende as questões de força, é o triunfo da província sobre a cidade, da brutalidade sobre a inteligência, da obstinação tática sobre a grande estratégia, do esmurrador de rua sobre o pugilista olímpico, da coragem da pancadaria sobre a coragem do soldado. Farinacci é a raiva em potencial, a aniquilação do inimigo, Farinacci é uma mordida ambulante.

No entanto, com Francesco Giunta e Cesare Rossi implicados no delito contra Matteotti, Italo Balbo encalacrado no tribunal com o processo de homicídio de Dom Minzoni, e Emilio De Bono submetido à Alta Corte de Justiça, Roberto Farinacci continua sendo necessário. A sua violência é uma decisão que salva. Por isso, ele, Benito Mussolini, anteontem o nomeou líder do partido, e, por isso, sente agora de novo a eflorescência do vômito borbulhando pelo canal do esôfago.

E, então, há todo o resto: a luta fratricida entre fascistas por cargos, o incômodo pela biografia da Sarfatti que o deixará de calças curtas diante do mundo, as infâmias dos exilados políticos que o difamam diante do século, os católicos que insistem em disputar com ele a educação da juventude, a impotência italiana na África que o degrada a um ridículo colecionador de desertos, as tramas ocultas dos maçons, a arrogância dos intelectuais, a condescendência dos Saboia, as especulações nas bolsas de valores, a crise monetária, as fogueiras de liras ardendo em praças públicas.

E, sobretudo, há a ideia da morte como extinção, a morte como apocalipse, como fim do mundo. A grandiosidade trágica da situação é esta: se eu morrer, tudo vai por água abaixo. O regime fascista é,

hoie, o modo de ser da Itália, é a própria Itália, mas não resistiria à morte do seu fundador nem por uma hora seguer. O fascismo mostraria os dentes para si mesmo, os fascistas se destrocariam de forma mútua em um piscar de olhos. Diante de nós, esse grande mistério: nenhuma ideia forte jamais poderá se opor ao canibalismo. Só eu, o homem que dá força ao Estado, ao fascismo, só eu posso deter o fim; então, o Estado sou eu, o fascismo sou eu. Eu, o autodidata; eu, o filho da empregada; eu, o estagiário tardio; eu, o filho do povo que, depois dos 40 anos, afoba-se para aprender esportes, um privilégio burguês; eu que, com vontade e perseverança, torno-me um esgrimista temido e um cavaleiro habilidoso com as aulas de Camillo Ridolfi: eu. que aprendo a pilotar um avião, a guiar uma moto, a me manter em pé sobre esquis, a nadar em diferentes estilos; eu, que até aprendo a jogar tênis. Eu, teimosia trabalhadora, disciplina, boa vontade, jantares frugais. Eu cuido de tudo, controlo tudo, desde prédios para escolas até os vazamentos nos aquedutos, eu leio centenas de relatórios sobre todos os aspectos, faço anotações à mão, nas margens brancas, durante horas, páginas e mais páginas, todo santo dia, eu sou o burro de carga nacional; eu, o boi de carro nacional. Então, não posso morrer.

E, por isso, fico atravancado entre enxaqueca e prisão de ventre, prisão de ventre e enxaqueca. Às vezes, parece que meu crânio precisa fisicamente se partir, como neste momento, neste sofá... sim, é como um martelar contínuo... mil problemas disparatados, todos urgentes, e todos batendo e batendo para entrar na minha cabeça... casas em Roma, água na Apúlia, escolas na Calábria e em Messina, uma grande estação em Milão... já tenho a Itália toda na cabeça, como um enorme mapa geográfico, com todos os seus entroncamentos; aqui uma estrada, ali uma ferrovia, uma ponte, com os reflorestamentos, as bacias, os saneamentos, com todo os seus problemas vitais. Então, eu, eu não posso morrer.

A ladainha recomeça: o delito contra Matteotti, o fantasma de Matteotti, o remorso por Matteotti. A oposição a recita sem parar, agarrou-se a ela, desesperada, sem saber ao certo se existe, como os enlutados se agarram ao pranto ritual diante do mistério sombrio da morte.

É verdade, não há dúvida, o deputado Giacomo Matteotti morreu. Os meus fascistas o trucidaram. Mas eu não posso morrer e, portanto, a minha resposta é a seguinte: os tribunais julgarão os responsáveis. Um regime político não pode ser julgado por um tribunal, mas somente pela História.

No fundo, a que se reduz todo esse psicodrama nacional pelo homicídio de Matteotti? A um consumo de litros de tinta, a toneladas de papel impresso, a quilômetros de artigos ponderados que ninguém lê.

A minha posição é forte. Eu sou um homem de batalha. Não arredo pé daqui, para a salvação de todos. Não me abandono à imprensa, eu pertenço à história. A tempestade está prestes a acabar. O bosque voltará à calma. A vegetação rasteira teve de ser incendiada.

Do bulbo duodenal, através do piloro, até a boca, uma nova onda de vômito sobe pela traqueia. O corpo, de maneira instintiva, em um pântano de tremores e suor, busca a posição ereta, a direção do banheiro, a privada.

Benito Mussolini não dá um passo sequer. Mal se levanta e desmorona de repente. O baque surdo de um corpo desfalecido que encontra um piso coberto de carpete vermelho. Essa última lembrança, o adeus com que o Duce do fascismo se despede do mundo.

CONFIDENCIALÍSSIMO, PESSOAL, DECIFRE SOZINHO PEÇO V.S.A COMUNIQUE ARNALDO MUSSOLINI QUE S.EX.A PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS ESTÁ INDISPOSTO BASTANTE SERIAMENTE PT ELE SOFREU NA ÚLTIMA SEMANA DE DISTÚRBIOS GÁSTRICOS QUE DESDE ONTEM AUMENTARAM DE INTENSIDADE E EXIGEM ALGUNS DIAS DE REPOUSO ABSOLUTO PT NATURAL MENTE NOTÍCIA POR HORA SIGILOSA

Telegrama do ministro do Interior ao governador da província de Milão para Arnaldo Mussolini

Nas primeiras horas da tarde, espalhou-se a notícia de que S.Ex.a Mussolini estaria indisposto. Desse fato, foi obtida confirmação mais tarde, quando, no Senado, o senador Federzoni pediu o adiamento dos trabalhos... Segundo as informações disponíveis, a indisposição de que foi acometido S.Ex.a Mussolini seria uma gripe do tipo que é muito comum nesta estação.

Corriere della Sera. 17 de fevereiro de 1925

17

"Não vão me subjugar, mesmo que apontem os canhões aqui na minha frente"

Essas, reza a lenda alimentada pelo testemunho de um dos presentes, foram as primeiras palavras do Duce do fascismo ao despertar em 16 de fevereiro. Ainda sob o efeito de sedativos, Benito Mussolini talvez esteja delirando, talvez pense que está na trincheira, mas se encontra acomodado sobre dois travesseiros de plumas, na sua cama, nos seus aposentos no segundo andar do palácio do barão Fassini Camossi, atrás dos jardins do Quirinal, na Via Rasella. Em Roma, está amanhecendo.

O primeiro rosto que surge à sua frente, dissipada a neblina hipnótica induzida pelos barbitúricos, é o de Cesira Carocci, a governanta, uma mulher do povo, nascida na Úmbria, de meia-idade, alta, esbelta, forte, não bonita, com o pescoço comprido, os cabelos negros grudados na cabeça, os olhos esbugalhados, o nariz de batata. Foi ela quem o levantou do chão após o desmaio, tirou-o da poça de seu próprio vômito, e, desde então, resguardou-o como uma vestal teria velado o fogo sagrado. No momento em que despertou, cerca de seis horas haviam se passado desde que fora encontrado caído aos pés do sofá, horas passadas entre hemorragias gástricas e ânsias de vômito até enfim ter uma trégua por volta das quatro da madrugada.

Ao lado da sua guardiã, meticulosa e prudente, o doente avista os rostos sonolentos de sete homens, quase todos idosos, em sua maioria desconhecidos. É curioso que aqueles homens, arrancados da mesma recepção, estejam portando todos o casaco característico dos jantares

de gala, curto na frente e com caudas longas atrás. Sete homens de fraque na cabeceira da História.

Mussolini só consegue identificar Alessandro Chiavolini, seu secretário pessoal, Angelo Puccinelli, um dos seus médicos de confiança, e Ettore Marchiafava, anatomopatologista de fama internacional, professor universitário, integrante da Academia Nacional dos Linces e senador, especialista em artrite tuberculosa, lues e malariologia. Os outros também são autoridades médicas em seus campos: gastroenterologistas, cardiologistas, fisiopatologistas. Para todos eles, os sintomas eram evidentes: hematêmese, melena, desmaio. O diagnóstico foi unânime: o Duce do fascismo sofre de úlcera duodenal. Quanto ao rompimento de vasos sanguíneos ulcerados no trato gastrointestinal superior, não há dúvida. O prognóstico, todavia, continua sigiloso.

Semelhantes a arúspices que examinam o fígado de um bode degolado para adivinhar a resposta de um oráculo, aqueles ilustres cientistas vão passar as duas semanas seguintes vasculhando as fezes de Benito Mussolini, escuras como borras de café, em busca de sangue oculto. Durante todo aquele período, Cesira Carocci zelará por ele ininterruptamente, sem tomar banho nem se despir durante catorze dias e catorze noites consecutivas.

Os médicos abaixo assinados consultaram S.Ex.a Mussolini. Ele está acometido de úlcera duodenal e teve hemorragias nas noites entre os dias 15 e 16 e os dias 16 e 17

Doutores Giuseppe e Raffaele Bastianelli e Ettore Marchiafava, certidão assinada de próprio punho, 17 de fevereiro de 1925, às 10h30 da manhã.

Ouando se dirige à Via Rasella na manhã de 26 de fevereiro de 1925 para o primeiro compromisso de trabalho do presidente do Conselho dos Ministros após a doença, Luigi Federzoni está a par dos detalhes. Sabe tudo sobre a doença, como é óbvio para um ministro do Interior, alguém que permaneceu fiel a Mussolini até nos momentos de maior desespero da crise subsequente ao crime contra Matteotti. De fato, Federzoni, mesmo sendo insubmisso, por índole e formação intelectual, à violência das esquadras, assinou em 3 de janeiro os decretos de mobilização da Milizia per la Sicurezza Nazionale, de fechamento dos jornais de oposição e de captura dos opositores em todo o país. Homem afável, jovial, intelectual refinado, formado tanto em Direito quanto em Letras, autor de romances, contos, ensaios literários, aluno de Giosuè Carducci (o grande poeta da retórica sublime), o ministro do Interior, no entanto, decidiu acompanhar aquele passo, talvez irreversível, rumo à ditadura. Por isso, Luigi Federzoni é um dos poucos que sabe a verdade sobre a doenca de Mussolini.

O Duce o recebe vestindo a camisa do pijama por cima das calças. Forçado a seguir uma rigorosa dieta líquida, está pálido, emaciado, abatido. Acostumado a se barbear grosseiramente sozinho, está com o célebre maxilar camuflado por uma barba escura de um dedo de comprimento. Supersticioso como sempre, revira nas mãos um "virtuosíssimo talismã do Oriente" enviado por Gabriele D'Annunzio. Com o apoio de Cesira, o convalescente esboça poucos passos, incertos, enojados, como se ele estivesse caminhando sobre um chão

alagado pelo rompimento de uma tubulação de esgoto; depois, quase de imediato, volta a se deitar.

O primeiro assunto que Mussolini lida com Federzoni, o mais urgente, é o da própria reputação de homem invulnerável. Suas verdadeiras condições de saúde foram mantidas em segredo. Os jornais fizeram breves alusões a um passageiro mal-estar sazonal, uma "leve forma gripal" com uma febrezinha "muito baixa". Com exceção dos médicos. Cesira Carocci, seu secretário pessoal e seu irmão Arnaldo. informado pelo governador da província de Milão por uma mensagem cifrada, quase ninguém conhece a gravidade da doença de Benito Mussolini. Nem mesmo sua mulher, Rachele. Ela também está no escuro, e foi impedida de visitá-lo em Roma para não alarmar a população. Nem mesmo Margherita Sarfatti, colaboradora preciosa, mentora e amante de longa data, em geral informada por Carocci até mesmo sobre o fluxo das visitantes das aventuras no leito do Duce. pôde acorrer à sua cabeceira. No entanto, esse sigilo provocou o efeito contrário ao desejado: os boatos se espalham, as indiscrições proliferam, as mentiras se multiplicam. Centenas de cartas emocionadas, provenientes de toda a Itália, muitas vezes de humildes camponeses, testemunham a devoção ao Duce e aconselham remédios, poções, exorcismo, de claras em neve a infusões de ervas medicinais. Há até quem diga que Benito Mussolini já morreu. É o que esperam os deputados antifascistas que há meses abandonaram o Parlamento em protesto — os chamados "aventinianos" —, em alguns casos, publicamente. Tendo chegado a esse ponto, sua espera prolongada e estéril por um evento que derrube o regime se agarra a apenas duas possibilidades: a decisão do rei da Itália de renegar Benito Mussolini ou a morte repentina deste. Das duas, a segunda, àquela altura, parece a mais provável.

Luigi Federzoni entrega ao presidente do Conselho dos Ministros o texto de um comunicado de imprensa a ser divulgado à nação. Minimizando a gravidade da doença, a nota informa aos italianos que: "Sua Excelência o presidente do Conselho dos Ministros Benito Mussolini levantou-se pela primeira vez da cama para participar

de uma conversa profissional com seu ministro do Interior Luigi Federzoni". Mussolini lê a fina folha de papel de seda batida à máquina, a avalia, e, depois, a põe ao seu lado e a enterra sob o talismã oriental de D'Annunzio.

— O que Farinacci está fazendo?

Ao pedir que o ministro do Interior relate as ações do novo secretário do Partido Nacional Fascista, Mussolini sabe que está pedindo uma delação. A inimizade e a rivalidade entre os dois homens é muito conhecida. Farinacci, para galvanizar os integrantes mais violentos das esquadras, assumiu o cargo declarando que sua "secretaria começou não em fevereiro de 1925, mas em 10 de junho de 1924", ou seja, no dia do assassinato de Giacomo Matteotti. De fato, naqueles longos meses da crise fascista, o líder dos "intransigentes" assumiu abertamente o homicídio do parlamentar socialista e nunca escondeu sua aversão a Federzoni, aquele ministro considerado moderado demais e suspeito de jogo duplo. Em várias ocasiões, o rás de Cremona apresentou, ele próprio, a Mussolini aquilo que ele chama de "o referendo das latrinas", do qual se depreende que, nos banheiros públicos da Itália, a última tribuna que restou aos antifascistas reprimidos, o número de insultos reservados a Federzoni é baixíssimo, sinal de que o ódio dos opositores em relação a ele é tênue. Um argumento definitivo baseado na visão de mundo de Roberto Farinacci. Para esse tipo de homem, de fato, o ódio é a medida de todas as coisas.

Também nesses primeiros dias do seu secretariado, Farinacci, como todos os combatentes formidáveis que devem à obtusidade a própria força, permanece fiel a si mesmo: interpreta o papel do extremista, aposta na reafirmação do controle do Partido sobre os governos das províncias, anuncia perseguições contra todos aqueles que deram sinais de enfraquecimento durante a crise Matteotti, afirma querer eliminar os "escombros" da democracia liberal, aniquilar os últimos resíduos do antifascismo, retomar a "marcha triunfal da revolução dos camisas-negras", acusa qualquer adversário de mercantilismo, vê complôs por toda parte.

Por outro lado, até neste quarto vedado, contaminado pelas asperezas do vômito e dos borrifos diarreicos, penetraram os boatos sobre os numerosos complôs que os simpatizantes traidores, opositores rancorosos e fascistas ambiciosos estariam tramando para tomar o lugar de Benito Mussolini. Um desses rumores diz respeito logo ao homem que está na frente do Duce, Luigi Federzoni, o qual estaria maquinando com as velhas múmias, Salandra e Giolitti, para construir um triunvirato moderado capaz de derrubar o Duce.

Este, por sua vez, cala-se, escuta em silêncio o detalhado relatório do seu ministro do Interior, seu olhar fica perdido, ao lado da mesa de cabeceira, no reflexo do copo de leite a que se limitará toda a sua refeição.

Pois é, não há nada a ser feito: é impossível ter certeza de quais intrigas são tecidas em torno do leito de um moribundo, quais conchavos às escondidas articulam o jogo do poder, quais regurgitações de ambições medíocres. Até o dia anterior, você era um titã; depois, seu corpo excreta alguns jorros de merda e sangue e você é reduzido a um tubo digestivo, nada mais do que um tubo digestivo.

Mas não podemos nos deixar abater. Os italianos, como todos os povos ricos em valores estéticos, amam as figuras claras e bem definidas, querem uma continuidade de estilo, exigem consistência de quem pretende guiá-los.

Então o Duce do fascismo pega o comunicado de Federzoni sobre suas condições de saúde, que havia deixado como penhor para o talismã do Oriente de Gabriele D'Annunzio, pede que Cesira Carocci lhe dê um dos seus lápis preferidos, vermelhos e azuis, da marca Faber, e, de próprio punho, elimina com um risco firme as palavras "pela primeira vez", referentes a ele se levantar da cama, e acrescenta, com letras garrafais, o adjetivo "longa" quando é mencionada sua conversa com o ministro do Interior.

A doença de que S.Ex.a Mussolini padeceu pode ser considerada curada; todavia, o médico responsável impôs ao presidente do Conselho dos Ministros certo período de repouso e de resguardo... Hoje o presidente do Conselho se levantou da cama durante algumas horas e participou de uma longa conversa em seus aposentos com o ministro do Interior, S.Ex.a Federzoni.

Comunicado da secretaria da presidência do Conselho dos Ministros, 27 de fevereiro de 1925

Alguns fascistas dissidentes e alguns calzabinianos se reúnem no café Feraglia, na Piazza Colonna, e muitas vezes se encontram na galeria da Piazza Colonna. O grupo dos calzabinianos, capitaneados, naturalmente, pelo próprio Calza Bini, é contrário ao ministro Federzoni, acusado de manobrar contra o próprio presidente do Conselho dos Ministros e de se aproveitar da convalescença de S.Ex.a Mussolini para preparar o terreno eleitoral para os ex-nacionalistas. Em outras palavras, os nacionalistas, guiados por S.Ex.a Federzoni, estariam se preparando para passar a perna em S.Ex.a Mussolini.

Informativo da polícia, início de 1925

25

Só há uma carta na qual apostar: S.M. o Rei. Se fracassar, poderemos fazer as malas e emigrar.

Anna Kuliscioff, carta a Filippo Turati, início de 1925

Excelência, se a úlcera da qual o senhor sofre está situada na parte alta do estômago (antes do diafragma), julgo poder certamente curá-lo sem operação... somente com vegetais preparados como infusões. Tais plantas são totalmente inofensivas e já curaram, seguindo as minhas indicações, mais de vinte pacientes acometidos do mesmo mal.

Carta de Nice para Mussolini, do suposto médico Poulain de Marceval "Oucam: os primeiros aplausos são sempre para Navarra."

Benito indica com a mão Quinto Navarra, seu porteiro. Os hierarcas riem. Chiavolini, Federzoni e os outros dirigentes fascistas que acompanham o Duce em sua primeira aparição pública após a doença riem da sua chacota. Descaradamente. Na penumbra da Sala da Vitória no Palazzo Chigi, os camisas-negras irrompem em uma risada estrondosa. Riem com descompostura da piada espirituosa daquele homem que ama a música, mas odeia o canto, que dedilha de bom grado o violino e até se entrega à dança com as "suas" camponesas nas festas pelas praças, mas que raramente brinca, e que ninguém jamais ouviu cantar. O Duce se mostra lisonjeado pela cortesia, mal dissimula que se sentiu satisfeito.

Quinto Navarra é o primeiro a aparecer para a multidão que espera o discurso do Duce embaixo da sacada que dá para a esquina da Via del Corso com a Piazza Colonna. Após abrir as portas francesas, é atingido pela onda de choque da ovação que sobe da rua, e recua para um canto da sala. Seu lugar é aquele: a sombra de corredores escondidos. As portas francesas, por sua vez, permanecem escancaradas para a luz primaveril de um final de manhã romano. Não é possível ver a multidão, ela é apenas barulho. As cortinas dançam na parte de dentro da sala, impulsionadas pela brisa de poente. A sacada espera por Ele, deserta.

Ele ainda está convalescente. Os médicos debatem há semanas qual é o melhor tratamento: alguns preferem a intervenção cirúrgica; outros, a dieta rígida e o repouso absoluto. Apenas dois dias antes,

outro nome ilustre se juntou ao grupo. Por insistência de Margherita Sarfatti, Bellom Pescarolo, eminente neuropatologista de origem judaica, especialista no tratamento de tumores malignos e médico da família real, foi em segredo até a Via Rasella. Pescarolo, em seu primeiro encontro pessoal com o Duce do fascismo, deparou-se com um homem ainda visivelmente enfermo. Benito Mussolini pareceu-lhe abatido, desidratado por conta dos episódios diarreicos, emaciado, enfraquecido pela dieta à base quase que apenas de leite. O médico aconselhou a abstenção sistemática de qualquer esforço.

No entanto, hoje é o sexto aniversário da fundação dos Fasci di Combattimento, o humilde Quinto Navarra escancarou as portas francesas e Benito Mussolini deve falar à multidão. Ai de quem perde o domínio da multidão: os prolongados silêncios entre ela e seus líderes são muitíssimo nocivos aos últimos.

Tirar forças da bajulação dos hierarcas que o elogiam porque teria reencontrado "a elegância da magreza juvenil"? Improvável. Sustentar-se na lembrança do início, na reminiscência daquela primeira reunião na sala semivazia do Círculo da Aliança Comercial e Industrial na Piazza San Sepolcro, em Milão, em março de 1919? Impossível. Mal se passaram seis anos, mas aqueles veteranos exaltados, uma centena no máximo, que fundaram o fascismo, se tornaram uma multidão agitada, aquele movimento delirante com poucas centenas de adeptos se tornou um partido com mais de meio milhão de afiliados, aquele aventureiro da política, odiado pelos ex-companheiros socialistas, temido pelos tradicionalistas e dado como morto por todos, é agora o chefe do governo de uma nação prostrada a seus pés.

Onde, então, encontrar forças para retomar o diálogo com a multidão depois dos desmaios, da diarreia, das ânsias de vômito misturado com sangue? Olhar à própria volta não ajuda: a revolução fascista definha em uma atmosfera de incerteza, de cores indefinidas. O único lance decidido nas semanas de convalescência foi a decapitação dos líderes da Associação Nacional dos Combatentes, que, nos meses anteriores, se posicionou contra as violências fascistas. De resto, o convalescente optou pela prevaricação tática em relação a tudo: o

projeto de reforma das Forças Armadas foi enviado de novo ao Senado, a reforma eleitoral foi confiada a uma comissão de especialistas, até repressão do ministro De Stefani sobre o sistema da bolsa de valores foi tolerada pelo Duce, apesar da clara aversão dos industriais. Até a inédita greve dos metalúrgicos organizada na Bréscia logo pelos sindicatos fascistas — que deviam garantir a paz social — e capitaneada com ímpeto por aquele curioso secretário provincial, Augusto Turati, jornalista perspicaz, idealista fervoroso, esgrimista habilidoso, que parece ter acusado os industriais da Bréscia de não quererem aumentar os salários, de serem antipatrióticos —, até isso foi tolerado.

Os boatos sobre os complôs de Federzoni, de Farinacci e de sabe-se lá quem mais continuam a circular, as mentiras desesperadas dos socialistas que o dão por morto continuam a aumentar, os metalúrgicos fascistas fazem greve como comunistas, os maçons continuam tecendo intrigas, os especuladores seguem especulando, as bolsas de valores são abandonadas, os poupadores ficam alvoroçados, a falta de confiança na lira acelera a fuga de capitais. E, então, onde encontrar, agora, forças para falar com aquela multidão que o adora?

Mas é claro: na própria força. Senão, onde mais?

Mussolini escreveu com todas as letras no artigo entregue à Sarfatti para a edição de fevereiro de *Gerarchia*. O fascismo é uma religião e o verbo sagrado de todas as religiões é, desde sempre, um só: obedecer! Quando ele pensa nas duríssimas provações a que submeteu seus acólitos nesses seis anos, em especial nos últimos meses, quando pensa nas infinitas provas de devoção que, apesar de tudo, foram-lhe consagradas, tudo desaparece: as amarguras por causa das traições, das fragilidades humanas da carne, some até mesmo a abjeta má-fé de partidários e adversários. Resta o orgulho do líder que obedece e é obedecido, segundo a lei imutável da guerra.

Neles, nos acólitos, idióticos e incansáveis como cães que guiam um trenó, ele encontrará sua força. A política, com certeza, não é uma ciência; a política é arte, adivinhação instantânea. Fora da política, viver é vegetar, mas viver, para ele, é outra coisa. Viver, para ele, é luta, risco, tenacidade.

Benito Mussolini avança de repente e aparece na sacada. A multidão que o vê surgir na esquina da Via del Corso com a Piazza Colonna em Roma, ao meio-dia de 23 de março de 1925, não pode deixar de notar a magreza doentia, o queixo afinado. Mas o reencontra vivo após ter temido que estivesse morto, e, por isso, jubila-se. Uma ovação de puro entusiasmo se ergue rumo à fachada renascentista do Palazzo Chigi.

— Camisas-negras da Urbe! Não sei resistir ao desejo de fazer com que vocês ouçam minha voz. Não apenas porque isso os agrada...

Gritos da multidão: Sim! Sim!

— ... mas também para demonstrar que a enfermidade não me tirou a palavra.

Gritos da multidão: Muito bem!

Com um delicado gesto com a mão, o orador pede ao povo que se cale. Tem pouco tempo e ainda algumas palavras a dizer:

— A minha presença nesta sacada dispersa de uma só vez um castelo de cartas baseado em ridículos "dizem que", em miseráveis "correm boatos". Em vez disso, eu quero dizer que estamos na primavera, e agora vem a melhor parte. A melhor parte, para mim e para vocês, é a retomada total, integral da ação fascista, em qualquer momento e lugar, contra qualquer um.

Gritos da multidão: Sim! Sim!

— É o que vocês querem?

A multidão, imensa, tem um único grito, imenso: Sim!

O presidente do Conselho sorri, agradece com acenos. Parece de fato satisfeito: nas grandes crises históricas, as pessoas querem programas definidos, elas seguem na direção das bandeiras com cores nítidas.

Então, antes de se retirar, Benito Mussolini lança sobre a praça uma flor primaveril. Quem a pega é um jovem vanguardista, assinalarão os relatos do regime.

Com um gesto rápido e discreto, invisível para a multidão, Quinto Navarra fecha as portas francesas. Protegido pelas cortinas, Benito Mussolini desaba em uma poltrona, esgotado. A História, mais uma vez, contenta-se com um drama a portas fechadas.

Aqui está o sinal da nova Itália, que se livra de uma vez por todas da velha mentalidade anarquista e rebelde e percebe que apenas na silenciosa coordenação de todas as forças, sob as ordens de um só homem, está o segredo perene de todas as vitórias... Melhor as legiões do que os colégios [eleitorais]!

> Benito Mussolini, "Elogio aos acólitos", Gerarchia, 28 de fevereiro de 1925

Hoje estamos soberbamente sozinhos, contra todos e fora de todos. Sozinhos com o que fizemos em dois anos de governo; sozinhos com a nossa responsabilidade, com o nosso destino e com a nossa coragem... O conflito é histórico e irremediável. A luta deve ser conduzida de maneira sistemática até a vitória definitiva.

> Benito Mussolini, Manifesto de celebração da fundação dos Fasci, 23 de março de 1925

Com os intelectuais é assim.

Tem sempre um homem de pensamento que se ilude que o homem de ação deve ir tomar lições com ele e fica com raiva da própria impotência quando isso não acontece. Tem sempre um filósofo qualquer da história, desconhecido da História, pronto para encontrar um punhado de assinaturas a serem acrescentadas no rodapé do seu manifesto redigido com uma bela caligrafia e que se deve deixar navegar, por um dia ou dois, rumo ao oceano do esquecimento, como uma flotilha armada para a expedição do rancor. Sempre podemos encontrar um Benedetto Croce que, feliz em sua prisão de papel, com uma prosa culta, convida os seus cem mil admiradores e 25 leitores — nem um a mais — a rejeitar o mundo novo.

O Manifesto dos intelectuais italianos fascistas aos intelectuais de todas as nações, concebido por Giovanni Gentile, filósofo conhecido por toda a Europa, foi publicado no Il Popolo d'Italia, jornal da família Mussolini, e nos principais jornais nacionais em 21 de abril, aniversário da fundação de Roma. Uma afirmação peremptória da vontade de romper a relação entre o Ocidente e a decadência, do ardente impulso de superar a atual crise espiritual, da existência de uma religião política fascista, uma pátria fascista, uma fé fascista e do dever do intelectual de fazer parte dela. Duzentos e cinquenta signatários — poetas, músicos, pintores, catedráticos, literatos —, nomes entre os mais influentes da cultura nacional.

Todavia, somente dez dias mais tarde, no Primeiro de Maio, por ocasião da festa dos trabalhadores, foi publicada em *Il Mondo*, jor-

nal de Giovanni Amendola, líder da oposição, *Uma resposta de escritores, professores e publicitários italianos ao manifesto dos intelectuais fascistas*. Ou seja, um "contramanifesto" redigido por Benedetto Croce, o mais respeitável filósofo italiano. Uma emocionada defesa do intelectual entendido como puro amante da ciência e da arte, uma desdenhosa condenação do intelectual fascista que caiu na aberração de misturar política e literatura, política e ciência; um erro que, cometido sobretudo com o objetivo "de patrocinar deploráveis violências e prepotências", nem sequer pode ser considerado um erro generoso. Também nesse caso, centenas de assinaturas de escritores, músicos, pintores, catedráticos, quase todos nomes de prestígio.

A iniciativa dos intelectuais antifascistas representa um tapa na cara do movimento. Uma ruptura definitiva entre as duas figuras de maior destaque da filosofia italiana, até ontem amigas e camaradas. Uma oposição de frente de grande parte do mundo intelectual ao projeto fascista. Uma respiração boca a boca na moribunda oposição liberal, agonizante em sua desesperada expectativa de que o rei da Itália dê cabo do poder fascista, ou de que uma misteriosa doença acabe com a vida de seu Líder. Em suma, uma desfeita para o fascismo que, sedento de consensos após o crime contra Matteotti, se lança à conquista da cultura.

Benito Mussolini não pode deixar de se ressentir do golpe. Foi ele que pessoalmente mandou um telegrama a Leandro Arpinati, um dos promotores em Bolonha da primeira convenção nacional de cultura fascista no final de março, comunicando sua satisfação com aquela iniciativa que deveria desmentir "a tola lenda de uma suposta incompatibilidade entre inteligência e fascismo".

A convenção foi realizada com sucesso, durou dois dias, reuniu centenas de participantes renomados. Também contou com a participação de Margherita Sarfatti, a única mulher entre as 24 presentes — a conhecida amante do Duce desde antes da guerra — a fazer uma apresentação oficial sobre "Arte e economia nacional". Mussolini havia pedido aos presentes discussões práticas e decisões que pudessem se tornar medidas legislativas. É óbvio que estas, esperadas por cente-

nas de intelectuais inconclusivos que debatiam trancafiados em salas enfumaçadas, nunca se concretizaram. Mas a convenção deu origem ao *Manifesto* e, portanto, era possível considerá-la satisfatória. Somado aos grandiosos projetos de uma Enciclopédia Italiana, iniciada já em fevereiro, sempre sob a direção de Gentile, e de um Instituto Nacional Fascista de Cultura, anunciado para junho, o *Manifesto* foi fonte de esperanças de que a tola lenda pudesse ser desmentida.

Agora, porém, aparecia Dom Benedetto Croce para sentenciar que a lenda era verdadeira: a inteligência e o fascismo eram, de fato, incompatíveis. Era o que decidia o mesmo homem que, mestre do liberalismo, votara com os fascistas antes da marcha sobre Roma e a favor dos fascistas depois dela. Justo ele que, ainda em fevereiro de 1924, havia declarado que o amor pela pátria era a própria essência do fascismo, e que, em junho daquele mesmo ano, quando Matteotti já havia sido sequestrado e assassinado, ainda votava a favor do governo Mussolini. Agora aquele mesmo homem, isolado entre os cem mil volumes da sua biblioteca do Palazzo Filomarino, proclamava ao mundo que, entre fascismo e cultura, não era possível acordo algum.

Mas talvez fosse melhor assim. Melhor abandonar os intelectuais aos seus egoísmos mesquinhos e à sua covardia inata. Talvez, no final das contas, Croce tivesse razão: o fascismo havia declarado guerra ao intelectualismo desde o início. Seu próprio Duce não havia declarado poucos meses após a conquista do poder que o século XX se anunciava diferente do anterior, que, "no novo século, o fato valia mais do que o livro"? Milhões de jovens europeus, veteranos das trincheiras da Guerra Mundial, não gritaram seu ódio ao intelectualismo que os expropriava de si mesmos? Não contrapuseram ao intelectualismo a indomável, cortante, inalienável plenitude da experiência vivida?

Sim, tranquiliza-se o Duce do fascismo, sim, é melhor deixar que os intelectuais fiquem cozinhando em seu caldo insípido. É sempre necessário dar pauladas no cão que está se afogando. Chegou a hora de prestar homenagem ao único homem de intelecto, o único literato que ensinou os italianos a avançar vida afora.

É concepção austera da vida, é seriedade religiosa, que não distingue a teoria da prática, o dizer do fazer, e não pinta ideais magníficos para relegá-los a um lugar fora deste mundo, no qual, enquanto isso, continuamos a viver de forma vil e mísera, mas é o duro esforço de idealizar a vida e exprimir as próprias convicções na ação em si ou com palavras que são, elas mesmas, ações...

Manifesto dos intelectuais italianos fascistas. 21 de abril de 1925

E, realmente, se os intelectuais — ou seja, os amantes da ciência e da arte —, como cidadãos, exercem seu direito e cumprem seu dever ao se filiar a um partido e servi-lo fielmente, como intelectuais, seu único dever é se dedicar, com a atividade da investigação e da crítica e as criações da arte, a elevar da mesma maneira todos os homens e todos os partidos à mais alta esfera espiritual para que, com efeitos cada vez mais benéficos, travem as lutas necessárias. Ultrapassar esses limites da tarefa a eles atribuída, misturar política e literatura, política e ciência é um erro que, quando cometido, como nesse caso, para patrocinar deploráveis violências e prepotências e a supressão da liberdade de imprensa, nem sequer pode ser chamado de um erro generoso...

Aquele texto [dos intelectuais fascistas] é, em sua essência, um trabalho rudimentar, no qual, em todos os pontos, notam-se confusões doutrinais e raciocínios mal desenvolvidos...

Manifesto dos intelectuais antifascistas, 1º de maio de 1925

A história é feita com a granada e o arado, não com os volumes de Salvemini; é vivida, não lida. Se você me reprovar, não estou nem aí. No Carso, fui promovido a sargento por méritos de guerra.

Il Selvaggio, revista fascista, 1925

Agora vou fazer uma confissão que os encherá de horror. Fico pensativo antes de fazê-la. Nunca li uma página de Benedetto Croce (Risadas calorosas, aplausos calorosos). Que isso diga a vocês o que eu penso de um fascismo que fosse culturizado com o K alemão. Os filósofos resolvem dez problemas no papel, mas são incapazes de resolver um que seja na realidade da vida (Vivazes aprovações).

Benito Mussolini, "Intransigência absoluta", discurso de encerramento do IV Congresso do PNF pronunciado no Teatro Augusteo, Roma, 22 de junho de 1925

Benito Mussolini, Gabriele D'Annunzio Gardone Riviera. 25 de maio de 1925

A visita de Mussolini a D'Annunzio em Gardone Riviera, às margens do lago de Garda, perto da Bréscia, tropeça em uma gafe já em seu primeiro passo.

Os dois homens são o espelho um do outro sob vários aspectos, a começar pelo fato de serem ambos notórios maníacos sexuais. Como Mussolini está acompanhado por seu secretário pessoal e sua governanta — a tal Cesira Carocci que dizem que o assistiu dia e noite durante a crise de úlcera —, D'Annunzio calcula que a mulher se tornara sua amante. O erotômano descarta a possibilidade de a intimidade prolongada entre um homem e uma mulher não descambar para o entrelaçamento dos corpos. Por isso, foi preparado para ela e para Mussolini um único aposento.

Infelizmente, porém, assim que o poeta avista aquela desengonçada camponesa úmbria de meia-idade, alta e nodosa como um tronco de amieiro, fica evidente que se enganara. O esteta dentro dele não admite, à primeira vista, que se possa desejar uma mulher feia. O erotômano é obrigado, portanto, a mudar de opinião: o prazer carnal não é o único destino de um homem e uma mulher trancados dias a fio em um quarto. Também existem leitos de dor. O hóspede ilustre poderia se sentir insultado.

As relações entre Mussolini e D'Annunzio, por sua vez, permaneceram extremamente tensas por muito tempo. Durante a crise após o crime contra Matteotti, muitíssimos italianos esperaram que o "Vate" da Itália se posicionasse, coisa que o Duce do fascismo por muito tempo temeu. De fato, em julho de 1924, D'Annunzio, em uma carta particular a um amigo, tachou o delito fascista de "fétida ruína". Se o principal poeta e soldado da Itália, envolto em sua imensa glória militar e literária, tivesse se unido ao coro de acusações e denúncias, é provável que o regime fascista, já cambaleante, tivesse sofrido seu golpe de misericórdia. Mas D'Annunzio se calou, Mussolini apreciou seu silêncio sem precedentes, e a correspondência epistolar entre eles foi retomada. Ela recomeçou em clima de lamento, de comiseração e de mendicância.

Ouem escreve é sobretudo D'Annunzio. Mesmo reconhecendo que seu epistolário superava "àquela altura mil e trezentos tomos", nos últimos meses, ele não parava de assediar Mussolini com pedidos de favores para os seus seguidores e de prebendas para si mesmo. O objetivo final é o decreto governamental que declara como monumento nacional o Vittoriale — a mansão na qual o poeta se fechou após a aventura de Fiume, projetando-a como uma celebração arquitetônica da Itália guerreira — e os subsequentes financiamentos públicos. A esse tipo de carta, alternavam-se as preocupações e os conselhos para a saúde do Duce: "Talvez você não saiba que sou um excelente médico (estudei durante dois anos fisiologia e a arte médica nos tempos do grande Moleschott)... Se tivesse conseguido vê-lo e assisti-lo, teria lhe dado conselhos preciosos. Espio e exploro de maneira contínua tanto minha velha carcaça quanto minha jovem alma". Assim, o interesse material, somado à melancólica fragilidade dos corpos, trouxe paz aos dois rivais, até fez com que se identificassem um no outro. Afligido por um banal resfriado, o poeta escreve para consolar o amigo com suas úlceras sangrentas: "Também estou acometido por um mal mesquinho e, portanto, enfurecido, como imagino que você também esteja". Nesse ritmo — silêncios e lamentações —, as tensões amainaram, e Benito Mussolini, recuperado, anunciou ao poeta que iria a Gardone levar pessoalmente a promessa pacificadora de um decreto governamental.

Por isso, a tensão se desfaz, também agora, mesmo diante da entrada monumental do mausoléu de *villa*. D'Annunzio logo se mostra cordialíssimo, exibe brincalhão um gigantesco falo apotropaico mantido em um tabernáculo, pede ao ilustre hóspede um pedágio simbólico ao atravessar uma pequena ponte e, depois, o homenageia, como

é obrigatório para os soberanos, com 21 tiros e salvas disparados do canhão do navio *Puglia*. Trata-se de um autêntico torpedeiro aríete da Real Marinha Italiana, em serviço durante a Grande Guerra, doado ao poeta e transportado até a colina do Vittoriale por meio de vinte vagões ferroviários. Mas as fantasmagorias de guerra não terminam aí. O programa da tarde também prevê uma excursão nas turvas águas do lago a bordo do cruzador blindado que realizou a lendária expedição de desestabilização da frota austro-húngara na baía de Buccari. Mussolini se diz extasiado.

Os dois homens mais carismáticos da Itália, que estão frente a frente na margem daquele lago ao final da primavera, se encontram nos extremos opostos de um paradoxo comum. Gabriele D'Annunzio é, por escolha própria, um morto-vivo. Benito Mussolini, armado da mesma vontade tenaz, é um moribundo curado. D'Annunzio, que se impôs ao exílio voluntário no Vittoriale após o fim sangrento e grotesco da aventura de Fiume, dedicou os últimos quatro anos a ritos funerários. Com voz sepulcral, dita suas últimas vontades diante de velhos companheiros de armas enregelados, afunda os amigos com cartas lacrimosas— "sob o céu, estou triste como os mortos sob a terra" —, exige e aceita para si mesmo, vivo, honras monumentais em geral reservadas apenas à memória dos mortos. Mais do que traído por Mussolini, D'Annunzio se considera por ele plagiado; mais do que desdenhado pela brutalidade dos fascistas, fica incomodado com a vulgar imitação dannunziana deles. Tendo sobrevivido a si mesmo, trancado em um mutismo rancoroso, sem ter tido uma morte gloriosa, o poeta-guerreiro se deixa encantar pelo próprio funeral.

Mussolini, por outro lado, embora ainda esteja pálido como um cadáver, contrariando as prescrições de repouso absoluto dos médicos, vem de oito semanas de impetuosa atividade governamental. Tendo voltado à cena política por ocasião do debate sobre a reforma das Forças Armadas, em 2 de abril fez no Senado um discurso formidável no qual se apresentava como árbitro superior ao conflito dos adversários e arrogava a si o ministério da Guerra. A oposição, desconsolada e estarrecida, teve de abandonar qualquer esperança

de sua morte iminente. Até Filippo Turati, patriarca do socialismo, teve de reconhecer sua qualificação como um "histrião de sucesso". A assembleia dos senadores votou quase em unanimidade a favor da honra da veiculação pública do seu discurso. A partir daquele momento, o Duce não parou mais. Reordenado o Exército, enfrentou a maçonaria ao promover a lei para a dissolução das sociedades secretas, apoiou o debate para a aprovação do orçamento, promoveu o voto das mulheres nas eleições administrativas, e até reivindicou para a Cirenaica italiana o remoto oásis de Giarabube, no Saara africano.

Diante disso, continuou com a lenta derrocada do que restava da oposição, massacrada pela polícia, censurada na imprensa, esgotada por uma reiterada condenação moral do fascismo e pela extenuante espera por uma intervenção do rei. Só sobrou Luigi Albertini, diretor do *Corriere della Sera*, a pregar, corajoso, no deserto de Montecitório, contra a iminente ditadura fascista. A esta altura, já parece quase certo, e até os jornais estrangeiros reconhecem: a profecia da ruína certeira do governo fascista, pronunciada após o assassinato de Matteotti, não se realizou.

Então, a Gabriele D'Annunzio, que apenas seis meses antes marcara o delito Matteotti com o estigma de "fétida ruína", e visto que a ruína ficou sendo esperada em vão, só resta assumir o papel do anfitrião cortês, com uma brilhante habilidade de conversa. Assim, após o ecoar das salvas do canhão do *Puglia* sobre o lago de Garda, após as excursões pelo lago a bordo do cruzador de Buccari, a visita de Mussolini ao Vittoriale dos italianos prossegue com o clima de uma pacata intimidade entre velhos amigos e companheiros de armas.

Em 26 de maio, D'Annunzio e Mussolini recebem uma delegação de veteranos que estão voltando de uma peregrinação pelas trincheiras da Grande Guerra. São guiados por Carlo Delcroix, herói de guerra, famoso orador, poeta diletante, político ardoroso, animador cultural, embora ele tenha ambas as mãos mutiladas e seja cego dos dois olhos.

O Duce e o Vate competem em cortesia camaradesca ao acolher os veteranos. Na sala de visitas, o dono da casa desdenha as poltronas marchetadas e se acomoda em uma banqueta arrastada para o meio do aposento. Para a comoção dos combatentes, recita em voz alta as palavras da dedicatória gravada na medalha de prata que comemora a peregrinação. Mussolini, para superar o poeta em democrática camaradagem, fica em pé atrás dele, cercado pelos soldados de infantaria.

Depois, durante toda a tarde — após terem enviado um obsequioso telegrama ao rei de Itália no qual proclamavam que "estavam se reconhecendo como irmãos de fé" —, os dois também competem em gracejos. D'Annunzio reforça a própria superioridade como inigualável animador das conversas de salão conduzindo a reunião. O poeta rebatiza Cesira Carocci com uma das suas magníficas invenções linguísticas ("Irmã Salutar"). Então, fazem um pouco de galhofa sobre vários assuntos. Brincam até sobre a praga dos pedidos de favores. Também sobre esse tema, o poeta declara, bonachão, que não é inferior a ninguém: ele, como é bem sabido, queima toda manhã as cartas de recomendação sobre o penhasco do Grappa, ao passo que o chefe do governo só pode ter interesse em encorajá-las respondendo a todos. Mas Benito Mussolini não fica irritado. Àquela altura, estão entre velhos amigos. Zombam um do outro, só um pouco. Leves chacotas sem consequências. Piadas. Nada mais.

Gabriele D'Annunzio tem um outro tom de voz ao final da tarde, quando, após a partida do presidente do Conselho dos Ministros, na luz do pôr do sol, fica parado olhando da janela a própria imagem refletida na proa gloriosa do cruzador *Puglia*, definitivamente encalhado entre os álamos do seu jardim: "E pensar que eu, o poeta das odes navais, acabei nesta poça, como uma rã. E uma rã que não canta, pois não canto mais".

Com emoção, ao final do dia, Carlo Delcroix o ouve pronunciar essas palavras enquanto pode apenas imaginar as águas sonolentas do lago de Garda tornando-se prateadas, refletindo a última luz. Para um cego, a melancolia está toda encerrada em um timbre grave, em uma inflexão decrescente no final da fala. A melancolia é apenas um grão da voz.

D'Annunzio agora é somente um menino que brinca. Um menino que custa caro.

Benito Mussolini, comentário ao voltar da visita a Gardone, registrado por Quinto Navarra, Roma, 28 de maio de 1925

Roma, Teatro Augusteo, 21 de junho de 1925 IV Congresso do Partido Nacional Fascista

Primeiro vêm os mortos. Os assassinados e os assassinos. E são quase sempre a mesma carne, a mesma pessoa.

A evocá-los, inaugurando o quarto congresso nacional do Partido Fascista no dia em que começa o verão no Hemisfério Norte, quando as horas do dia atingem seu ápice, está Cesare Maria De Vecchi, quadrúnviro da marcha sobre Roma. Seu discurso começa às 10h30 em ponto, o público o ouve de pé, os mortos são numerosos. Cinquenta e quatro "mártires da revolução fascista", mortos apenas entre o verão de 1924 e aquele preciso instante. Morreram nas caçadas entre facções em estradas desertas, nas noites de sábado ou nas tardes de domingo, detidos por uma facada durante o ataque às casas dos inimigos, ou então abatidos à noite por um tiro de fuzil nas costas. Todos os seus nomes estão agora inscritos no álbum dos mártires dos camisas-negras, o livro fascista dos mortos. Não falta nenhuma cruz. De Agnusdei Vittorio a Visantini Francesco. Em rigorosa ordem alfabética.

Para prestar homenagem aos mortos, De Vecchi abandonou a grande cadeira de presidente do congresso, colocada sobre a tribuna da orquestra. Para a ocasião, a vastíssima sala foi adornada com festões dourados e as mesas foram cobertas com tecido adamascado vermelho. Os palcos são destinados à corte de honra do Partido, aos senadores, ao comando-geral, aos representantes das federações. Lá embaixo, a Milizia per la Sicurezza Nazionale desempenha o serviço de segurança. No alto, sobre uma grande poltrona dourada, isolada por uma cerca em veludo carmesim drapeado, Benito Mussolini

domina a sala. Terminada a homenagem aos mortos, com um aceno seu, os congressistas voltam a se sentar.

Toma a palavra o secretário do Partido, o deputado Farinacci, o rás de Cremona, o líder dos "intransigentes", o ídolo dos homens duros do fascismo. Todos o aclamam porque sabem que, sem aqueles homens, o fascismo não teria existido, e, ainda hoje, sem eles, talvez não sobrevivesse.

O secretário começa a ler o seu relatório entre os cantos dos integrantes das esquadras que entoam *Giovinezza*: "Nós estivemos entre aqueles que apoiaram a mais rígida intransigência", urra a voz de barítono sob o bigode.

Mas ninguém de fato escuta um discurso de Roberto Farinacci. Para oradores desse tipo, as palavras são pedras. O único meio de persuasão que eles conhecem é a violência que se esforça para se tornar lei. "O fascismo não é um partido, é uma religião." Todo o seu credo político está encerrado nesse *slogan*. Uma religião arcaica, pré-cristã, do Oriente Médio, consagrada ao culto de terríveis divindades assírio-babilônicas às quais pagar sacrifícios humanos. "Desmatteottizar a Itália." Toda a biografia mental do novo secretário do Partido Nacional Fascista se encerra nesse feroz e grosseiro neologismo que ele mesmo cunhou há pouco tempo sobre o cadáver massacrado de Giacomo Matteotti: a demolição sistemática de toda e qualquer oposição residual. E as três primeiras semanas de junho de 1925 parecem ter respeitado o seu programa. A oposição parlamentar, ainda recolhida no Aventino, incerta sobre a volta ao Parlamento, dividida a respeito de tudo, gesticuladora e imóvel, mais uma vez, de maneira inútil, aposta toda a sua esperança restante em um momento de consciência de Vítor Emanuel III, rei da Itália. E, nessa espera alucinada, com o olhar perdido em um horizonte vazio, espatifou-se, desmoronando sobre si mesma, como madeira velha corroída por cupins.

Quando o soberano antecipou para 7 de junho a festa pelos 25 anos do seu reinado, Giovanni Amendola e os outros líderes da secessão constitucional, com os olhos sempre fixos no Quirinal, acreditaram poder ver ali um sinal do acontecimento tão esperado,

e pediram para serem recebidos. O rei acatou a solicitação, mas os aceitou em sua presenca um de cada vez, a título pessoal. Recebeu--os um por um — comecando logo com Giovanni Amendola —. ouviu-os, um por um, repetir a mesma argumentação pelo restabelecimento da legalidade, e, depois, mais uma vez, não moveu uma palha. Eles, mais uma vez, ao final de uma reunião agitada realizada em 13 de junho, dia de Santo Antônio, decidiram ficar apenas observando. Nem seguer conseguiram celebrar no Parlamento o primeiro aniversário da morte de Matteotti. Quando Farinacci soube das intenções deles, enfileirou na entrada do Palazzo Madama um punhado de integrantes das esquadras que expulsaram os socialistas exaltando o assassino do mártir deles: "Nada de Amendola, nada de Albertini. Viva Dùmini, viva Dùmini!". Depois, Farinacci os ridicularizou nas colunas do Cremona Nuova, o seu jornal: "Carneirinhos em busca de um fato qualquer para sair de sua situação tragicômica". E assim. agora, o "grande secretário" do PNF pode triunfar na tribuna do Teatro Augusteo tecendo elogios ao rás da província, ou seia, a si mesmo.

Após o discurso do secretário, o congresso segue de maneira ágil e singular. Aplaude-se muito, muitíssimo; fala-se pouco, brevemente; os oradores já inscritos abrem mão de suas intervenções; todas as ordens do dia são aprovadas por unanimidade. Ninguém alude, nem sequer de modo vago, a diatribes intestinas. Nos corredores, correm boatos de que Mussolini teria dito: "Tenho a batalha do grão e a da lira, devo resolver questões internacionais, estou preparando as leis para a reconstrução fascista, não encham meu saco com episódios de partido." E o partido, também nesse caso, parece não querer decepcioná-lo, é condescendente, cede e, no Augusteo, acontece um congresso em puro estilo fascista: o fato consumado precede sempre a doutrina. O programa anunciado à imprensa é reduzido pela metade durante a sua execução.

Benito Mussolini pode, portanto, subir na tribuna para fazer seu discurso de encerramento já na tarde de 22 de junho. Aparenta estar em excelente forma física e de ótimo humor, quase tagarela. Promete

ao auditório "uma hora de grande alegria". Ainda está magro, é claro, mas parece saudável e forte. Não parece ter restado nele nenhum traço da ulceração do duodeno. Também parece "desmatteottizado", como diria o secretário.

"Eu sabia que nenhum de vocês havia envelhecido. Todavia, temia que um intervalo de quatro anos tivesse dado ao seu corpo aquela adiposidade a mais que acompanha a triste ultrapassagem dos 40 anos. Mas vocês ainda estão ágeis, agilíssimos, musculosos, de fato dignos de ainda encarnar a juventude da Itália."

Aplausos. Gritos de júbilo. Mais aplausos.

Em seguida, depois do orgulho, depois dos cumprimentos, depois do escárnio da "misteriosa divindade da opinião pública, para a qual nós fascistas não damos a mínima", a primeira palavra política é destinada à violência: "Vocês sabem o que eu penso da violência. Para mim, é profundamente moral, mais moral do que a negociação e a transigência." *Muito bem!* Gritos de aprovação. Aplausos calorosos.

Só o tempo necessário para especificar que a violência deve sempre ser guiada pelo ideal, e ele já passa ao interlúdio cômico. O orador faz uma pausa, analisa a plateia com ar astuto, e prossegue: "Agora vou fazer uma confissão que os encherá de horror". Outra pausa. "Nunca li uma página de Benedetto Croce!" Risadas, aplausos, hilaridade calorosa.

Também a ridicularização do tipo humano do intelectual é breve, ágil, enxuta, sem gordura. Esse Mussolini não tem tempo para se demorar em homens daquele tipo, que têm a virtude de dizer sempre o que é verdadeiro e o privilégio de nunca enxergar a verdade. Um pouco de inteligência é bom, mas só o suficiente para criticar o adversário.

"A cultura universitária deve ser assimilada rapidamente e expulsa com a mesma velocidade!" *Hilaridade calorosa*. "Digamos de maneira clara: ao catedrático impotente, prefiro o integrante de esquadra que age!"

Como se tivesse se exaltado ao ver o cadáver do inimigo, abatido com escárnio, o Duce do fascismo decola. Mal toca na questão tanto debatida do respeito ao Estatuto, liquidando-a ("o Estatuto, senhores, não pode ser um gancho no qual devemos enforcar todas as gerações italianas"), e, depois, alça voo rumo ao futuro. "O que nós queremos? Uma coisa soberba: queremos que os italianos escolham, queremos fascistizar a nação, queremos criar um novo tipo de italiano, o homem fascista". Assim como houve o homem do Renascimento e o da latinidade, um italiano corajoso, intrépido, honesto, trabalhador, respeitoso. Um italiano novo.

Nas últimas semanas, o presidente do Conselho dos Ministros apresentou um projeto de lei que prevê a depuração do pessoal não fascista da administração pública, um outro que aniquila o que resta da liberdade de imprensa, um terceiro que reforça ainda mais o poder do Executivo, decretou a ilegalidade das associações secretas que resistem ao seu poder, e, arrogando a si o ministério da Guerra e o da Marinha, reuniu nas próprias mãos todo o poder das Forças Armadas. Então, agora, percebendo o campo desimpedido à sua frente para correr no torneio da ditadura, em um crescendo de entusiasmo delirante e de uma generosa recusa em se contentar com o presente mesquinho, Benito Mussolini tem uma visão do futuro, vê o amanhecer de um novo mundo. Da tribuna do Teatro Augusteo em Roma, curado da úlcera duodenal que o fez vomitar sangue, o Duce do fascismo vê novas gerações:

"Às vezes, a ideia das gerações de laboratório sorri para mim, ou seja, de criar a classe dos guerreiros, que está sempre pronta para morrer; a classe dos inventores, que persegue o segredo do mistério; a classe dos juízes, a dos grandes industriais, dos grandes exploradores, dos grandes governadores..."

A paixão pelo amanhã o impulsiona até aí: Benito Mussolini ousa sonhar castas. O objetivo é sempre o mesmo: o império. Fundar uma cidade, descobrir uma colônia, criar um império, esses são os prodígios do espírito humano.

A última palavra, como a primeira, ainda é dedicada à violência. "A bandeira do fascismo foi confiada às minhas mãos, e eu estou disposto a defendê-la contra qualquer um, mesmo às custas do meu próprio sangue."

Como um miasma, o cheiro adocicado do sangue se espalha, avança indeterminado sobre a plateia, agitada por aplausos intermináveis, enquanto o Teatro Augusteo saúda o discurso do presidente do Conselho dos Ministros.

Após se levantar com um salto de seu trono dourado, Roberto Farinacci esfola as mãos, gargalha, aclama. É o retrato de um homem feliz.

Hoje conseguimos demonstrar que a Nação está desmatteottizada e considera vagabundos todos os de Aventino.

Roberto Farinacci, discurso pronunciado na Piazza Colonna após ter impedido a homenagem a Matteotti, Roma, 10 de junho de 1925

Hoje o fascismo é um Partido, é uma milícia, é uma corporação. Não basta: deve se tornar algo mais, deve se tornar um modo de vida. Devem existir os italianos do fascismo, como existem, de forma inconfundível, os italianos do Renascimento e os italianos da latinidade. Só ao criar um modo de vida, ou seja, uma maneira de viver, nós poderemos marcar páginas na história, e não apenas nas notícias...

Levando para a vida tudo aquilo que seria um grave erro confinar à política, nós criaremos, por um esforço de seleção obstinada e tenaz, as novas gerações e, nas novas gerações, cada um terá uma tarefa definida.

Às vezes, me parece propícia a ideia das gerações de laboratório, ou seja, de criar a classe dos guerreiros, que está sempre pronta para morrer; a classe dos inventores, que persegue o segredo do mistério; a classe dos juízes; a classe dos grandes industriais, dos grandes exploradores, dos grandes governadores. E é por meio dessa seleção metódica que se criam as grandes categorias que, por sua vez, criam os impérios...

Às vezes, é necessário estagnar por muito tempo nas posições conquistadas. Mas o objetivo é aquele: o império.

Benito Mussolini, "Intransigência absoluta", discurso de encerramento do IV Congresso do PNF pronunciado no Teatro Augusteo, Roma, 22 de junho de 1925 Nos primeiros dias de 1925, Benito Mussolini, o jovem presidente do Conselho italiano, tomba inconsciente no chão de seu apartamento. Mussolini não fuma, quase não bebe mais, pratica esportes e segue uma dieta rígida. Mas ele sabe o motivo por trás do que o acomete: a Grande Guerra e a psicologia das multidões foram os males que arruinaram seu sistema digestivo. De camisa preta, botas de cano alto e pose altiva, o homem que se prepara para controlar totalmente a vida pública italiana está inchado de hipersecreções de ácidos e gases. A Itália ainda não sabe, mas o Duce está diante da própria morte.

Este é o ponto de partida do segundo volume da epopeia do líder fascista. Sequência do aclamado M, o filho do século, vencedor do prêmio Strega em 2019 e publicado em 40 países, M, o homem da Providência começa no momento em que o livro anterior termina: quando Mussolini planeja o passo seguinte do seu projeto absolutista, que é fundir seu nome ao do próprio país. Nesse período de sua trajetória, não vemos mais Mussolini de dentro para fora, mas o contrário.

Doente, o Duce se torna uma entidade reservada, "uma crisálida do poder que se transforma na borboleta de uma solidão absoluta". Em seu isolamento, percebe o mundo com uma hipermetropia megalômana, mensurando o próprio poder em perspectivas distantes, enxergando-se pelas lentes da História. Em oposição a seus devaneios, o caminho até a ditadura totalitária será árduo. Nos momentos finais dessa etapa de sua vida, quando, em 1932, Mussolini constrói o impressionante santuário dos mártires fascistas, o que seria uma homenagem ao luto passado já pressagia a dimensão da tragédia futura. Em *M, o homem da Providência*, Antonio Scurati tira do esquecimento pessoas e fatos de vital importância, cruzando narrações e fontes da época de forma ousada e profundamente dramática.

SAIBA MAIS:

https://www.intrinseca.com.br/livro/1142/